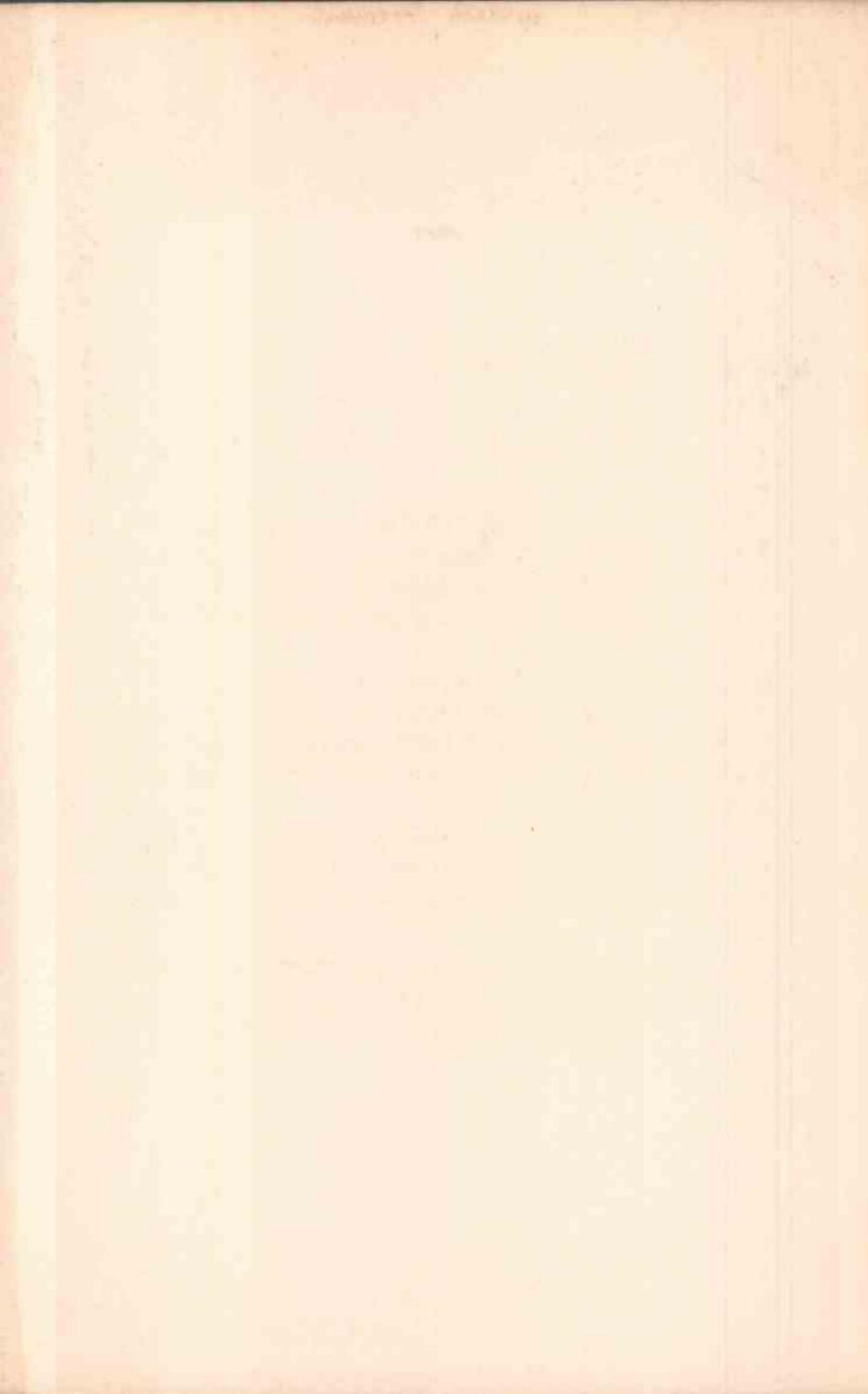




Francisco
CARVALHO

R **O** **S** **△**
GEOMÉTRICA





Livro admirável. Ainda que FRANCISCO CARVALHO nada mais tivesse escrito, esta obra (**Barca dos Sentidos**) seria mais do que suficiente para colocá-lo na primeira linha da poesia brasileira contemporânea. O que mais destacar nele? A variedade opulenta dos temas, dos ritmos, das rimas, das estruturas poemáticas? A extraordinária riqueza simbólica, imagética, metafórica? A musicalidade exuberante, que vai dos largos concertos sinfônicos aos minuetos mais sutis? O caráter pinturesco de muitos de seus poemas, transformados em quadros, painéis, murais, polípticos, aquarelas, iluminuras do verbalismo mais puro? FRANCISCO CARVALHO, com todos os méritos e por todos os títulos, insere-se na família dos Poetas Maiores da Língua – de Camões a Drummond, de Antero a Jorge de Lima, de Sá Carneiro a Cecília Meireles, de Fernando Pessoa a Manuel Bandeira. (JOÃO MANUEL SIMÕES. Poeta e crítico de Curitiba, Paraná.)

Prove Nilton Maciel,
estes pontos de
e precedência.

~~Imbuias~~
2/8/90

ROSA Δ
GEOMÉTRICA

Para

Antônio Martins Filho
Sérgio Campos
Hélio Lopes
Yacilton Almeida
Cícero Acaiaba
José Alcides Pinto
Linhares Filho
Sânzio de Azevedo
João Clímaco Bezerra
Maura de Senna Pereira
Cecília Bossi



Francisco Carvalho

R **O** **S** Δ
GEOMÉTRICA
SONETOS

Fortaleza Ceará, 1990

DO AUTOR

Cristal da Memória / 1955
Canção Atrás da Esfinge / 1956
Do Girassol e da Nuvem / 1960
O Tempo e os Amantes / 1966
Dimensão das Coisas / 1967
Memorial de Orfeu / 1969
Os Mortos Azuis / 1971
Pastoral dos Dias Maduros / 1977
As Verdes Léguas / 1979
Rosa dos Eventos / 1982
Quadrante Solar / 1983
As Visões do Corpo / 1984
Barca dos Sentidos / 1989

Capa: Luiz Sérgio Santos

Carvalho, Francisco
Rosa Geométrica; poesia. Fortaleza
Gráfica VT, 1990
64 p.
1 — LITERATURA BRASILEIRA
Poesia. 1. Título

SUMÁRIO

Elegia da Casa Velha/7
Elegia para a Mãe Morta/17
Depois da Chuva/20
Videira de Engadi/21
Argila/22
Domingo/23
Tigre/24
Nordeste/25
Majestade/26
Utopias/27
Nordeste II/28
Elegia da Pedra/29
Imperador do Vento/30
Fome/31
Nau dos Esquecidos/32
Cântico às Filhas de Eros/33
Prêmio/34
Soneto de Penélope/35
Dádivas/36
Soneto de Sabará/37
Que Sabemos do Mar?/38
As Sombras/39
Soneto de Julho/40
Praça dos Mártires/41
O Pastor do Tâmis/42
Secreta Fúria/43
Céu em Chamas/44
Milonga para JLB/45
Namorada do Califa/46
O Cão e a Catedral/47
Paraíso/48

Rosa Geométrica/49
Soneto de Tanatos/50
Chuva/51
Cântico da Hora/52
Soneto do Cavalo/53
A Lâmpada e o Pórtico/54
Soneto da Travessia/55
Soneto da Oferta/56
Soneto do Alpendre/57
Os Filhos do Vento/58
Soneto da Perdida Esperança/59
Elegia para o Fazendeiro do Ar/60
Soneto da Sedução/64

ELEGIA DA CASA VELHA

1

A casa são as portas e as escadas
as sombras e os silêncios e os mormaços.
E esses espectros que semeiam passos
num jardim de memórias desfolhadas.

É o cedro dessas vigas que trescala.
É o pórtico de pedra e esta candeia.
São os mortos que chamam para a ceia
e as vozes que soluçam nesta sala.

São sensações, destroços de escultura.
Sons de cristal, balidos de água clara
Palpitação dos meus lençóis de linho.

A casa é o vento insone que perdura
para além dos veios do luar, para
além das sete cruzes do caminho.

2

Minha casa são velhos cataventos
palpitação de arrulhos nas janelas.
E essas fotografias amarelas
dos que agora são deuses sonolentos.

Minha casa é remanso e pastoreio
da infância veloz. Concha onde me guardo
das seduções do eterno devaneio.
E o refúgio secreto do bastardo.

Minha casa era grande e agora é pouca.
Cantava um deus no bronze dos ferrolhos
(divindade esquecida das montanhas).

Este soluço preso em minha boca
este pranto escorrendo dos meus olhos
esta saudade ardendo nas entranhas.

3

Minha casa sou eu e as minhas vozes
que o tempo ainda preserva. Minha casa
são murmúrios de pássaros velozes
roçando a noite com sinistra asa.

Minha casa sou eu e os meus sentidos
e as estações num carrossel de glória.
Os passos do ancestral repercutidos
no incerto pensamento e na memória.

Gosto de ouvir o devaneio imenso
desta casa espectral, que o luar clareia.
Esses fantasmas de esquecidas eras

que arrastam pela sombra o seu silêncio.
E os passos de meu pai, passos de areia
rumo à noite infinita das esferas.

4

A casa é minha pele e meu olfato
e o sangue que circula em minha fala.
Sou eu quem come a ceia neste prato
e pastoreia o morto nesta sala.

Aonde vou a casa me acompanha
com seu odor de bicho acostumado.
Levo-a na luz dos olhos e na entranha
ferida pelo estigma do pecado.

A casa e sua ossada de elefante
bailando ao sol das tardes de safira
o infinito mais perto e mais distante.

A casa me ruma e me respira
com seu nariz de velho ruminante
que se fartou do tempo e de sua ira.

5

Foi morada hibernal dos vagalumes
dos grilos, das abelhas, das formigas.
Hoje o telhado despencou das vigas
e a casa inteira me recende a húmus.

De vez em quando algum presságio corta
a solidão dos quartos. Asa suja
que vem da treva em forma de coruja
e sai repentinamente pela porta.

Às vezes corta o espaço longo pio
de ave agoureira, que estremece as almas
e pela porta bruscamente sai.

Por toda a casa passa um calafrio.
Pela estrada espectral das horas calmas
vagueia a sombra errante de meu pai.

6

A casa e o seu velame de navio
a casa e o seu cansaço de ancorar
a casa e o seu barbudo senhorio
a casa e o seu terraço para o mar.

A casa e o seu odor de ruminante
a casa e o seu perfil de ventania
a casa e o seu passado flamejante
a casa e o seu futuro de agonia.

A casa e o seu letargo de mamute
a casa e o seu desmaio repentino
a casa e o seu secreto pastoreio.

A casa e esse fantasma de menino
que foi pastor de Booz, que amava Rute.
A dos olhos de arcano e ardente seio.

7

A casa tem pilastras de cimento
marcas de infância impressas nos portais.
Janelas inclinadas para o vento
e portas para a noite e os temporais.

Tem vertentes brotando das paredes
e coruja escondida no algeroz.
Tem musgo e sombra nas entranhas verdes
calmarias de lápide na voz.

A casa vive imersa num letargo
com seus numes chegados de outra esfera
e aparições fitando a escadaria.

À luz da tarde a casa é uma fogueira.
Ao sol da noite o frontispício largo
catedral tenebrosa da agonia.

8

Paredes de robusta alvenaria
pulverizadas pelo raio e a chuva.
Onde era a sala, a pródiga saúva
plantou de vez a negra hierarquia.

Ronda o caruncho as portas de imburana
e o cedro dos esteios vai tombar.
Pelas frestas das telhas o luar
dança abraçado à verde jitirana.

Ave espectral de pálpebra amarela
pousa nas vigas com rumor de ferro
que se partiu nos pulsos de um bastardo.

Vendo esta casa arder, eu também ardo.
Também coloco o fumo na lapela
como se me vestisse para o enterro.

9

Quando eu era menino e tinha asa
um anjo insone pastorava a gente.
Hoje as vacas passeiam lerdamente
nos quartos de dormir de minha casa.

Antigamente, tantos devaneios
de olhos fitos na bússola dos astros.
Hoje o cupim se nutre dos retratos
e dos toros de cedro dos esteios.

Ontem foi Deus, montado no seu burro
que deixou este emblema de palavras
esculpido no lenho dos portais.

Hoje é o vento que, em lúgubre sussurro
de misereres, súplicas e aldravas,
celebra intermináveis funerais.

10

Ouço o vento zumbindo em cada telha
e a chuva com seu látego veloz
açoitando a escuridão. Ouço a velha
fala do abismo despertar em nós.

Ouço o germinar dos grãos. Ouço a asma
dos gonzos soluçando noite adentro.
Ouço a esfera escapando do seu centro
e os passos compassados do fantasma.

Ouço a reminiscência dos avós
trespassando a metáfora ilusória.
Ouço a aranha tecer seu sonho lindo.

Ouço o pranto escorrer de nossa voz.
E o clamor dessa voz aterradora
pelos rios do tempo se esvaindo.

ELEGIA PARA A MÃE MORTA

I

Os grandes rios passam pela aurora
e vão levando a tua face antiga
para os confins do Tempo e de outra vida
E vão levando a pobre infância embora.

Foi-se o esquife de vento, virou palha
talvez remorso a caminho da tumba.
A memória da alma é mais profunda
que os profundos espantos da mortalha.

Teus passos repercutem no caminho
juncado de lembranças e de nomes.
Agora o céu são pálpebras insones

te agasalhando em seu noturno linho.
Preparai-vos para o tempo da ceifa
do adeus das mães, do seu secreto leite.

II

Eis que se acaba o longo pastoreio
de tudo o que amou. Os filhos, a casa
o som das coisas e a vertente clara
que espelha o céu em seu florido seio.

Amou a terra cheia de verrugas
onde os cardos florescem. Os alpendres
a alba das ovelhas e essas lendas
na pele ensolarada de seus ubres.

Amou os ventos ásperos do estio
e as tardes trespasadas de heliantos.
Amou a chuva, a harpa desses campos

e a estrela Vésper, que afundou no rio.
Mais do que tudo amou certo Profeta
a jorrar paz das veias entreabertas.

III

No céu azul se desenhava a alba
dos pássaros. A sombra veio mansa
pousou de leve sobre a face branca
em que a infância dos mortos flutuava.

O anjo enlouquecido da agonia
veio da aurora em seu cavalo negro.
O sol dos ancestrais raiou mais cedo
no umbral de fogo do altaneiro dia.

Voltas ao seio de Abraão. Ao seio
da terra que fecundaste com teus
sonhos de madre e a placenta de Deus.

Voltas serenamente ao pastoreio
do Amor que abraça as estrelas. Aos calmos
e sussurrantes ciprestes dos salmos.

DEPOIS DA CHUVA

A chuva já cessou, e os verdes campos
são feitos de estilhaços de cristal.
Ruivos caprinos pastam seus espantos
de remota alvorada pastoral.

Paira uma epifania de zumbidos
pelo ar. Asas de assomos repentinos
exibem seu bailado a um céu de olvidos
onde os astros são olhos de meninos.

A chuva já cessou, e uma cascata
de espuma vai jorrando de uma curva
de pedra cinzelada por vassalos.

A alma das vertentes toca flauta
celebrando esses pórticos da chuva
e o noivado selvagem dos cavalos.

VIDEIRA DE ENGADI

Eu vou te celebrar com minha avena
videira de Engadi que explode em brolhos
e predicar o espanto dos meus olhos
aos teus olhos dourados de falena.

O inferno é me lembrar do corpo amado
varando a noite e seus confins alheios.
É viver sem ter sido assassinado
por esse alfanje erguido dos teus seios.

É não ter megulhado fogo adentro
dos píncaros sagrados da vertigem.
Dessa fornalha acesa que é o teu ventre

de mulher trespassada em noite virgem.
O inferno é andar morrendo de que morro
uivando para o céu feito um cachorro.

ARGILA

Somos essas argilas da incerteza
perambulando sob os céus vazios
que mudam como as águas passageiras
de um rio que se forma de outros rios

e que deságua nesse mar do olvido.
Somos essa nuvem que se evapora
pelos confins de um tempo acontecido
de que não resta mais sombra ou memória.

Somos a água, o subterrâneo veio
que um dia acordará do sono invicto
no coração da rocha milenar

para urdir seu secreto devaneio
e mergulhar no mistério infinito
desse outro abismo que suplanta o mar.

DOMINGO

Hoje é domingo e o branco povoado
amanheceu dourado de meninos.
Baila no ar um cheiro adocicado
de rosas desfolhadas pelos sinos.

O padre atravessou a sacristia
com seu missal ungido de água benta.
Foi pregar a antiga profecia
dos que falam de Deus desde a placenta.

Hoje é domingo, e os olhos infinitos
do mistério se voltam para aqueles
que vão morrer de todos esses mitos

criados desde os tempos de Aristóteles.
Hoje é domingo, e os olhos dos aflitos
dardejam com lampejos imprevistos.

TIGRE

Trama infernal de nervos e raízes.
No teu olhar de vibrações austeras
flamejam madrugadas invisíveis
relampejando ao sol de outras esferas.

Vagueias num crepúsculo impreciso
igual a um deus expulso de outras eras
que recordasse o incerto paraíso
dos ancestrais, dos homens e das feras.

Alba que espreite, pássaro que emigre
rosa que espere, treva que amanheça
tudo se curva à púrpura do tigre

e ao seu signo de fogo na cabeça.
Quando te vejo arder ao sol de Osíris
penso num deus de volta ao paraíso.

NORDESTE

Fornalha da injustiça e da semente
que às vezes brota e às vezes não germina.
Só me resta a metáfora indecente
para gritar bem alto que esta sina

não te foi reservada pelos deuses.
Só me resta esta raiva que incinera
esta utopia dos dias e dos meses
e este gemido herdado de outra esfera.

A fome vai passando rumo à sombra
levada pela insônia e pelo vento.
Anseio de partir, sê como a onda.

Vontade de morrer, dorme ao relento.
Aurinegro pendão desta esperança
que a brisa do estupor beija e balança.

MAJESTADE

Eterna majestade que acabrunha
o homem desde a mais remota origem
esta esfinge abissal me dá vertigem
como os olhos azuis da Catalunha.

Os passos ofegantes desta sombra
em noites de fantasma rococó
são, talvez, dum monarca que ainda sonha
com seu fausto de Ofir desfeito em pó.

As aranhas do instante urdem seu fio
de prata milenar e seda antiga.
Quando o outono chegar depois do estio

colherás utopia em vez de espiga.
Eterna majestade que apavora
os filhos desta argila sem memória.

UTOPIAS

A vida é uma lavoura de utopias
que às vezes é preciso cultivar.
Não basta urdir os incessantes dias
do tempo, nem a esfera milenar.

nem esses dedos fúnebres da rosa
nem a água que imita a cimitarra
da lua, nem a pompa indecorosa
dos reis, nem a memória que se agarra

ao casco dos navios, nem a porta
do recinto espectral, nem os rubis
de que são feitos os olhos da morta

nem as marcas do incesto nos perfis.
Não basta urdir o tempo nem seu linho
de cristal, nem flor de secreto espinho.

NORDESTE/II

Um crescente de prata derretida
clareia a eterna alvura das estradas.
Asas do assombro sobre a noite erguida
vão passando entre nuvens desgarradas.

A insônia dos aflitos corta lenha
para acender as noites da mansarda
e espantar os espíritos da brenha.
Subitamente, um tiro de espingarda

enche de augúrios fúnebres a alma.
Rebanhos de luar passam com frio
arrastando alvoradas pelo céu.

O vento agora é apenas um fantasma
que vem carpir o duradouro estio
e os ossos da manada que morreu.

ELEGIA DA PEDRA

Vimos da pedra e à pedra regressamos
nas asas de uma nuvem rococó.

O inferno nos acena com seus ramos
de ouro. A alma é ávida e está só

entre deuses e arcanjos redimidos
pelo sangue do homem. Somos essa
vaga ancestral de mares esquecidos.
A morte é mais olvido que promessa.

Somos o acaso urdindo a eterna trama
do tempo. O acaso, engrenagem silente
tecendo em nós a túnica do hábito.

Somos fanal de tenebrosa chama.
Passamos todos, incessantemente,
pelas águas desse rio de Heráclito.

IMPERADOR DO VENTO

Foi rei na dinastia da pobreza.
Pastor da água, imperador do vento.
Noites a fio urdia a realeza
dos astros. Segurava o firmamento

com as mãos trespassadas pelos raios
de Vésper, arquideusa das esferas
que acende o vasto céu com seus desmaios.
Falava sobre o tempo e sobre as eras

guardadas nesses rios luarentos.
Sobre Deus e sua próxima vinda
entre nuvens de fogo nos espaços

cercado por arcanjos reverentes.
Veio a morte a ferí-lo quando ainda
o amor tocava a harpa de seus braços.

FOME NOVA ANTÓPIA, 1964, 111 p.

A fome é uma cadela de olhos roxos
que arrasta o seu fantasma pelas ruas
a mastigar o que restou dos ossos
de estrelas dissipadas e outras luas.

A fome vai passando pela sombra
e dolorosamente nos espreita
com seu olho veloz. Ai de quem zomba
desse olho sangrento de maleita.

A fome é uma cadela que não dorme
por longo tempo ou por instante breve.
Seus passos vão carpindo pela treva

e apavorando a escuridão enorme.
Ó fome de justiça e de esperança!
Que deus te move a esta sinistra dança?

NAU DOS ESQUECIDOS

Meu coração é um pórtico de areia
de onde um rio invisível fita o mar.
Nesse rio o meu tédio devaneia
nau sem rumo esquecida de passar.

Na tempestade, acende uma candeia
para as trevas da morte iluminar.
Às vezes busca o signo e encontra a idéia
na trilha ensangüentada do avatar.

Catedral demolida da esperança.
De esquecimentos, súplicas e olvidos
esses ritos do amor, fanado incenso.

Meu coração é a nau dos esquecidos:
dos que se engolfam na sinistra dança
dos que se afogam neste mar imenso.

CÂNTICO ÀS FILHAS DE EROS

Coxas esbeltas, coxas como pórticos
erguidos. Coxas rubras como os dias
pousados sobre o mar: os dias órficos
de graves e afogadas melodias.

Coxas em luminoso devaneio
trespassando o universo das retinas.
Coxas iguais ao cântaro de um seio
modelado de essências assassinas.

Coxas que ofuscam todas as idéias
e onde se forma o veio cristalino
de um rio eterno, que transborda e sangra.

Coxas flexíveis de azuladas veias.
Pélago onde flutua o meu destino
como um barco ancorado numa angra.

PRÊMIO

Não me digam que a vida é uma trapaça
que as vinhas da miséria não dão brotos.
Vou desfolhar as horas nesta praça
os abutres da insônia nos meus olhos.

Não me digam que o ouro da verdade
é falso e rapidamente se gasta.
Mais vale arder ao sol da eternidade
que disputar aos cães a noite vasta.

Não me digam que a morte fosse um prêmio
ao remorso dos filhos de Caim.
Que a véspera dos mortos somos nós.

Não me digam que o sangue do flautim
e essas águas das nuvens de hidrogênio
vão apagar o espanto dos heróis.

SONETO DE PENÉLOPE

O coração, jardim abandonado
onde florescem rosas de utopia.
Somos uma alameda do passado
esquecida entre bosques de elegia.

Dizem que a chuva é da idade do mundo
tem a leveza dos passos dos mortos.
Vou pela rua de casas desbotadas
e mal percebo o gotejar do tempo

nas lajes, urdindo incessantemente
essa teia de musgo e eternidade
que afinal nos matará. Penélope

coze e descose a trama do infinito
amor, enquanto a noite acende os olhos
de ouro para o regresso de Ulisses.

DÁDIVAS

Quando raiar aquela madrugada
feita de rosa, estrela e passarinho
vou resgatar a infância tresmalhada
além da noite e seu secreto linho.

Aquela aurora feita de suspiros
e desmaios, promessas e segredos
do jorro da vertente e do arco-íris
e dos cachos de flor que são teus dedos.

Aquela aurora acesa pela escarpa
aquela rosa erguida como espada
aquele sono achado em desalinho

e aquela dor dos cânticos da harpa
são dádivas do abismo para a amada:
as mãos que aperto, os olhos que adivinho.

SONETO DE SABARÁ

Quem saberá que o vento em Sabará
vai despertando essas manhãs barrocas
e a chama tutelar que acende as opas?
Quem saberá que o régulo arderá

ao fogo sereníssimo da lei
enquanto os sinos dobram pela raça?
Quem saberá que em Sabará me achei
vendo a infância escorrer pela vidraça?

Quem saberá que o vento em Sabará
desfolha as samambaias das janelas
e as alfaias de ouro da matriz?

Quem saberá que Deus recolherá
a essência das verdades mais singelas
e a cinza evanescente dos perfis?

QUE SABEMOS DO MAR?

Que sabemos do mar e da secreta
palpitação de sua mitologia?
Do seu mistério ou dessa nuvem preta
que circunda esse mar de profecia?

Que sabemos das fontes e dos rios
que desaguam no mar dos hipocampos
e das catedrais? E os altos navios
que sabemos dos seus negros espantos?

das bússolas, dos mapas e das rotas?
Que sabemos do mar urdindo a espuma
dos tempos e que os tempos incinera?

Do mar rendido à cisma das gaivotas
pouco sabemos. A não ser de alguma
lua ancestral boiando sobre as eras.

AS SOMBRAS

As sombras vão passando pelo vento
e o vento vai passando pelo etéreo
cristal desse remoto firmamento
onde as estrelas urdem seu mistério

e sua teia de utopias. As sombras
vão conosco e conosco permanecem
sem que saibamos nunca se essas pombas
do acaso estão partindo ou se regressam.

Enquanto a noite fia, as sombras vão
passando pela porta da interdita
fronteira onde começa a solidão.

As sombras vão passando nessa aflita
revoada do tempo e da canção.
Correnteza das horas infinitas.

SONETO DE JULHO

O verão amolou suas espadas
de fogo mineral e ouro maciço.
Dardejam no ar pombas alucinadas
pelo fulgor do céu, pelo feitiço

desse aroma de lêvedo da terra.
As copas reluzentes são arcadas
de catedrais. Em cada rosto erra
um devaneio de asas abrasadas.

Cada gesto estendido é mão aberta
para os ritos do amor, para essa entrega
do mistério da carne, que se oferta

entre os favos da luz e o fel da treva.
O verão me conduz em seus cavalos
para a alba dos potros e dos galos.

PRAÇA DOS MÁRTIRES

Sob estas pedras uma fonte secreta
arrulha surdamente, noite e dia.
Ó sombra clamorosa de um poeta
atravessando os átrios da agonia.

Sob estas pedras arde um deus assírio
sacrificado em bíblico holocausto.
Corre o sangue indomável do martírio
germinam sonhos e apodrece o fausto.

Sob estas pedras ainda ecoam passos
dos mortos que tombaram quando a alba
da liberdade raiava no céu

trespassado de estrelas e balaços
e quando a eterna lua acalentava
a alma do menino que morreu.

O PASTOR DO TÂMISA

Celebravas o rio que desliza
numa Londres coroada de neblina.
O livro, a flor, o firmamento, a brisa
touros de Espanha, albas da Argentina.

Auroras de punhais, deuses extintos
tardes azuis, crepúsculos vermelhos
as máscaras da esfinge, os labirintos
da memória, as espadas e os espelhos.

Celebravas o arcano tenebroso
no coração ungido pela morte
e aquela dor que vai urdindo a trama

do mistério escondido atrás da porta.
Contemplavas o mundo pelo gozo
de o adivinhar nos olhos de Kodama.

SECRETA FÚRIA

Remorsos de Caim na tarde escura
em que seu braço apunhalou a Abel.
Nos campos de centeio já fulgura
Vésper. Clareia a fronte do infiel

com seu fanal de prata, sedutor
e mais cristalino do que o gorjeio
dum pássaro, na tarde em que uma flor
abriu entre as pавanas do teu seio.

Ó sombra do assassino erguendo a foice
contra a face assustada dos viventes
entre os clarões da tenebrosa noite

onde há gemidos e ranger de dentes.
Ó espectro de Caim na treva espúria.
De que se urdiu tua secreta fúria?

CÉU EM CHAMAS

Uma flecha de luz varou a tarde
como se dividisse o firmamento
em dois pontos distintos. A flor arde
tanto o fulgor da súplica do vento.

Tenebroso estio recende a espigas
sazonadas. Os campos estão fartos
de cio. Odor de papoulas antigas
passa roçando o espanto dos lagartos.

Uma cigarra canta, e o seu zumbido
vai-se perder na tumba dos heróis.
Uma flecha de luz clareia o olvido

no coração de um pássaro veloz.
Um céu em chamas arde noutra esfera
do sonho que se aflige mas espera.

MILONGA PARA JLB

Os livros te encantaram toda a vida.
E as vastas bibliotecas com seus tomos
de lombadas severas. Tigres, gnomos
labirintos e espelhos, a alba erguida

no céu, como um remorso que delira.
Viveste numa esfera luminosa
em convívio abissal com o verso e a prosa
o amor e a paz e essas formas da ira.

Passeias no subúrbio de Palermo
seguido pelos olhos de Kodama.
Sabes que a vida é uma invisível trama

urdida de utopia e tempo eterno.
Em Genebra um hexâmetro flutua
na pedra esguia onde se deita a lua.

NAMORADA DO CALIFA

Mulher de ventre erguido para o estio
e as escadas de fogo do holocausto.
És mais forte que o rei. Teu poderio
despedaça os impérios e o seu fausto.

Os teus cabelos são serpentes de ouro
saindo de uma taça de veneno
para matar um rei cujo tesouro
dorme agora entre as âncoras do Reno.

Mulher de ventre erguido, te carrego
despida nos meus olhos de maníaco
para te amar nalgum recinto negro

das fulvas madrugadas do Zodíaco.
Mulher de infância azul, quem te decifra
ó esbelta namorada do califa?

O CÃO E A CATEDRAL

Numa noite de vento e desvario
deitou-se o cão perto da catedral.
Ao sol dos astros, o crescente esguio
mostrava ao cão seu gume de cristal.

Ninguém lhe acompanhou o olhar vazio
vagando pela esfera imemorial
onde as estrelas também sentem frio
deitadas em decúbito dorsal.

O olhar do cão soturnamente fita
negros vultos passando na penumbra
a caminho da dúvida infinita

ou da paz metafísica da tumba.
E à luz mortiça das retinas foscas
vê-se o cão devorado pelas moscas.

PARAÍSO

Os rubis dos teus seios, vou mordê-los
com volúpia de fauno reverente.
A noite vertebral dos teus cabelos
cai sobre mim, despidoradamente.

As papoulas da cerca estão florindo
pra coroar teu sexo inaugural.
Teu canteiro de musgo está mais lindo
do que o jardim dum rei medieval.

Te espero junto ao banco de marfim
onde uma fonte arrulha igual à pomba
que se abrasa de amor e come os brotos
das videiras plantadas por Caim.
Ó amada mais volúvel do que a onda
meu paraíso é o inferno dos teus olhos.

ROSA GEOMÉTRICA

A tarde metafísica passeia
sobre os telhados da cidade antiga
que se desfaz em nostalgia e areia
aos olhos dos pesares e da intriga.

Num fio horizontal da rede elétrica
um solitário pássaro repousa.
O espírito é uma rosa geométrica
no coração da esfera tenebrosa.

Incerto odor de antúrios e de sinos
se espalha pela sombra da alameda
onde a infância dourada dos meninos

vai tecendo parábolas de seda.
A tarde se desfaz em formas graves
de assombrações vagando pelas naves.

SONETO DE TANATOS

O vento de Tanatos sopra frio
sobre a raça dos homens em diáspora.
Vou disputar com esse deus sombrio
o coração sangrento da metáfora.

Na minha alma de esfinge se insinua
a alma sonolenta de algum bêbedo
com seu perfil tenaz fitando a lua
ânfora cheia de sarcasmo e lêvedo.

Vou levar minha sombra para o pórtico
onde os mendigos sonham com seus mitos
e o que restou do olhar senil das mães.

Vou gravar minha dor num verso órfico.
Esperar que os remorsos infinitos
cessem de uivar com se fossem cães.

CHUVA

A chuva vem de longe, a chuva antiga.
De um passado remoto vem a chuva
embalar nossas almas, nossa vida
qual velha Mãe, que nunca se perturba.

A chuva vem de longe, desses campos
sazonados de paz, onde os avós
plantaram seus martírios e acalantos
para que germinasse a nossa voz.

Em seu carro de linho, espuma e glória
vem do passado o séquito da chuva
e no peito dos mortos se insinua.

Vem dos confins do tempo e da memória
trazida pelo vento dessas luas
qual velha Mãe, que nunca se perturba.

CÂNTICO DA HORA

Hora entranhada na epiderme límpida
dos cavalos. Hora de erguer as dobras
fímbrias dilaceradas dessas túnicas
das noivas. Hora das núpcias das cobras

que dardejam de embriaguez solar.
Hora da germinação dos lagartos
na pedra ensolarada. Hora de o mar
comer a escória verde de seus partos.

Hora do espanto cravado no lenho
do berro e nas entranhas do cabrito.
Hora do abutre pousado em meu ombro.

Hora do Ser largado no infinito.
Hora do morto desnudar o cenho
para cavalgar o alazão do assombro.

SONETO DO CAVALO

Cavalo espectral de respiração magnética
feito de pedra encantada e de argila esguia.
Os teus músculos de centauro adolescente
são vértebras de alguma estrela foragida.

Pastas nas ravinas azuladas dos deuses
com tuas patas cravadas na lua e o hálito
de relva trespassando potrancas de cristal.
Cavalo arando o vento impregnado de espigas.

Ó fecundador de éguas, garanhão de negras
madeixas. Vou cavalgar teu dorso de orvalho
rumo aos olhos da infância perdidos na bruma.

Cavalo espectral, mito às portas de Gomorra.
Teu faro incendeia o odor de raiz e húmus
da alba apunhalada pelo uivo dos cães.

A LÂMPADA E O PÓRTICO

Meus pensamentos voam para Andrômeda
e vêm cair nos braços deste pântano.
A morte nos passeia com seu frêmito
de sombra encarcerada em sete côvados.

Entontecido de amargoso lêvedo
o coração rasteja para a súplica.
Enquanto nos brindamos nesta lápide
a alma devaneia além do zéfiro.

Sou metade reptil metade pássaro.
Com minha espada e meu punhal de indígete
atravesso o coração da metáfora.

O infinito me atrai para o seu vértice.
O silêncio de Deus é como um pórtico
iluminado por secreta lâmpada.

SONETO DA TRAVESSIA

Vou recordar os olhos da menina
trespassando a canção como um punhal.
Vou beber desta esponja de morfina
e mergulhar num sono de cristal.

Vou repartir o trigo deste anseio
ressuscitar a infância e o seu fanal.
Vou cortar o infinito pelo meio
com meu fulgor de pássaro espectral.

Vou passar pelo abismo sem arder
vou gravar meu remorso numa pedra
vou predicar no gume desta escarpa.

Vou ser o menestrel que te celebra
vou serzir meu cansaço de morrer
e atravessar o assombro numa barca.

SONETO DA OFERTA

Pelas sete janelas da varanda
pelos sete portais da madrugada
chegaram sete negras de Luanda
com sete mantos de seda encarnada.

Pelos sete pecados capitais
pelos sete caminhos da emboscada
e os sete sóis dos sete castiçais
e os sete reis de barba ensangüentada.

Pelos sete balaços do assassino
pelos sete mergulhos do afogado
pelas sete esculturas da agonia.

Pelas sete inocências do menino
sete vezes no peito apunhalado
são teus os sete assombros deste dia.

SONETO DO ALPENDRE

Meu pai via, do alpendre, a romaria
das nuvens trespasadas pelo vento.
As vacas e os bezerros ao relento
ruminando o presságio da agonia.

Via a chuva cair na terra escura
fresca como uma túnica de linho
e a espiga sazonar devagarinho
aos olhos de secreta formosura.

Meu pai via, do alpendre, a caravana
dos sonhos se esfumando em vento e areia
onde o tempo do arcano principia.

Via a aurora enroscada à jitirana
os cachorros uivando à ventania
e o morto, que o chamava para a ceia.

OS FILHOS DO VENTO

Os mortos somos nós, filhos do vento
largados nas estradas da agonia.
Nossos pés sangram, sangra a nossa fala
e os pulsos desatados do ancestral.

Os mortos somos nós, indo ao relento
colher insônia e espigas de ironia.
O jardim das palavras não trescala
senão o odor da dúvida abissal.

Os mortos somos nós, filhos do medo
dispersos pela treva e pelo assombro.
O tempo grava em nós o seu perfil

e o lacre do silêncio arde em segredo.
Cada morto ergue um morto no seu ombro
escorado no céu com seu fuzil.

SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA

O que perde a esperança, fica mudo.
Perde o rumo da estrela e a trajetória
desse reino encantado da memória.
Umbral de fogo ao mito carrancudo.

O que perde a esperança, perde a luz
da vida, perde a bússola do amor.
Perde o fanal do espírito maior
nume ancestral de vértebras azuis.

O que perde a esperança, perde o emblema.
Perde o mistério, perde o encantamento
perde as asas do arcanjo de veludo.

Perde o molde da infância no poema.
Perde a harmonia e sai boiando ao vento.
O que perde a esperança, perde tudo.

ELEGIA PARA O FAZENDEIRO DO AR

I

Teu verso acende a estrela vespertina
e os negros astros que o hemisfério corta.
E nos fala da esfinge repentina
que vem da noite e passa pela porta.

Do silêncio que às vezes nos visita
com seus olhos gelados de morfina.
Do amor falaz, da dúvida infinita
e da morte esculpida na retina.

De Hiroxima e da bomba deletéria.
Da pedra ardente em núpcias de agonia
cravando em nós a face aterradora.

“Ó rosto branco de lunar matéria”.
Teu canto raia em nós como esse dia
em que uma pomba foi buscar a aurora.

II

Itabira é um retrato na parede.
Contemplas o mistério de Itabira.
Mas já não há mistério nem segredo
nessa visão de entranhas de safira.

Itabira é uma paz que vem da aurora
com resplendor que os olhos te alumia.
A infância resgatada tempo afora
pelo fulgor do verso e da elegia.

Itabira encantou-se na lembrança
do menino que o tempo arrebatou
em seu cavalo de azuladas crinas.

Feriu-te o enigma com soturna lança.
Mas, pássaro do arcano, alçaste vôo
transpondo a morte e o espírito de Minas.

III

Sabes que a vida é feita de incertezas
e de acasos. Que as pombas do adivinho
não nos inspiram versos nem tristezas.
Que o sonho erguido é a pedra no caminho.

Que o anjo esquivo nunca se aproxima
de nós, que surdamente nos governa.
Que os cegos vão a Roma e vão à rima
mas não encontram nunca a praia eterna.

Sabes que o verso chega de improviso.
Que vem da infância e acorda na memória.
Que as nossas emoções não são poemas.

Que a dor, às vezes, se converte em riso.
Que bailamos no ar, pluma ilusória,
constelados de espantos e problemas.

IV

O Fazendeiro do Ar anda a tanger
seu rebanho de estrelas. Foi guardar
seu gado de cristal e adormecer
nos braços de uma esfinge de luar.

Foi desvendar seu rosto a outra mulher
sucumbir ao mistério de outro olhar.
Ver o abismo florir, depois arder
e dentro dele os pórticos do mar.

Foi ser peixe que a espuma dilacera.
Foi esculpir o instante de morrer
e decifrar o seu enigma puro.

Foi urdir seu bailado noutra esfera.
Foi ser guache no espaço, foi verter
a linfa do seu canto no futuro.

SONETO DA SEDUÇÃO

Céu azul de alongadas arcarias
despetaladas nuvens e edelvais
levadas por gaivotas fugidias
para as distâncias místicas da paz.

Neste céu de alvoradas e equinócios
de estrelas cimitarras e de alfanjes
que me golpeiam sonhos e remorsos
meus olhos te procuram dentre os anjos

rebelados, os anjos foragidos
da ira de Deus, os anjos que procedem
do umbral do amor e seguem seu caminho

pela senda espectral dos meus sentidos.
Os anjos que me acenam com seu vinho
e a sedução dos seus perfis de Éden.